

## XIII SARI



## Diplomacia Triangular e o ciclo sistêmico de acumulação estadunidense (1969-1975)

Triangular Diplomacy and the U.S. systemic cycle of accumulation (1969-1975)

Ana Júlia Freitas Gomes<sup>I</sup>   
Felipe Hübner Rodrigues Alvim<sup>II</sup> 

<sup>I</sup>Universidade Federal do Rio Grande do Sul , Porto Alegre, RS, Brasil

<sup>II</sup>Universidade Federal de Santa Catarina , Florianópolis, SC, Brasil

### Resumo

Com a presente pesquisa, buscaremos examinar a possível correlação entre a diplomacia triangular dos EUA, China e URSS (1969-1975) e a transição da fase de expansão material da economia-mundo capitalista – liderada pela hegemonia estadunidense – à fase de expansão financeira, fundamentando a análise nos ciclos sistêmicos de acumulação de Giovanni Arrighi. A partir disso, verificamos que a estratégia da Diplomacia Triangular, arquitetada por Richard Nixon e Henry Kissinger, utilizava a tensão sino-soviética para assegurar o interesse estadunidense, visto que as duas potências socialistas romperam relações em 1969. Por outro lado, China e URSS percebiam uma possível crise da hegemonia tendo em vista fatores como o fim do sistema Bretton Woods, o revés estadunidense na Guerra do Vietnã e a Crise do Petróleo de 1973. Portanto, sustentamos a hipótese de que a aproximação dos Estados Unidos com os Estados socialistas evidencia a transformação estrutural da economia-mundo capitalista, da fase de expansão material para expansão financeira, percebida pelos atores no início da década de 1970, representada pelo decréscimo da exportação de capital-mercadoria e necessidade de transição ao capital financeiro.

**Palavras-chave:** Diplomacia Triangular; Economia-mundo; Ciclos sistêmicos de acumulação

## Abstract

---

This research aims to examine the possible correlation between the Triangular Diplomacy of the US, China, and the USSR (1969-1975) and the transition from the phase of material expansion of the capitalist world-economy – led by US hegemony – to the phase of financial expansion. This analysis is grounded in Giovanni Arrighi's theory of Systemic Cycles of Accumulation (SCAs). Based on this framework, we verify that the Triangular Diplomacy strategy, engineered by Richard Nixon and Henry Kissinger, leveraged the Sino-Soviet tension to secure American interests, given that the two socialist powers had severed relations in 1969. Conversely, China and the USSR perceived a potential crisis of US hegemony, evidenced by factors such as the end of the Bretton Woods system, the US setback in the Vietnam War, and the 1973 Oil Crisis. Therefore, we advance the hypothesis that the rapprochement between the United States and the socialist states signifies the structural transformation of the capitalist world-economy from the phase of material expansion to financial expansion, a shift perceived by the actors in the early 1970s. This transformation is represented by the decrease in the export of commodity-capital and the systemic necessity of transitioning toward financial capital.

**Keywords:** Triangular Diplomacy; World-economy; Systemic cycles of accumulation

## INTRODUÇÃO

O cenário internacional compreendido entre os anos de 1969 e 1975 marca um período de profunda transformação na arquitetura da economia-mundo capitalista. Sob a liderança da hegemonia estadunidense, este intervalo de tempo sinaliza o esgotamento de um ciclo de crescimento pautado na produção e a transição para uma nova lógica de acumulação. A presente pesquisa examina a correlação entre a Diplomacia Triangular – estratégia arquitetada por Richard Nixon e Henry Kissinger envolvendo os Estados Unidos da América (EUA), a República Popular da China (RPC) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) – e a passagem da fase de expansão material para a fase de expansão financeira, fundamentando a análise nos ciclos sistêmicos de acumulação de Giovanni Arrighi (1996).

Dessa forma, a hipótese central da pesquisa sustenta que a aproximação dos Estados Unidos com as potências socialistas não foi um mero expediente tático da Guerra Fria, mas uma evidência da transformação estrutural do capitalismo global. Na virada para a década de 1970, a percepção de uma crise de hegemonia tornou-se latente entre os principais atores globais, manifestada por eventos como o

colapso do sistema de Bretton Woods e a Crise do Petróleo de 1973. Tais fenômenos representaram o decréscimo da exportação de capital-mercadoria e a necessidade sistêmica de transição ao capital financeiro, conforme a lógica braudeliana de flexibilidade do capital.

Para sustentar esta análise, o trabalho ancora-se no marco teórico da Perspectiva do Sistema-Mundo de Immanuel Wallerstein (1970), definindo os conceitos de sistema interestatal e economia-mundo, bem como na obra de Arrighi para a compreensão das fases de expansão material (D-M) e financeira (D-D'). A estrutura do artigo dedica-se, primeiramente, à exposição teórica dessas categorias de acumulação; em segundo lugar, detalha o contexto histórico da ruptura sino-soviética, da détente, do fim de Bretton Woods e do choque petrolífero; e, por fim, articula como a Diplomacia Triangular instrumentalizou as tensões entre Pequim e Moscou para assegurar o interesse estadunidense e viabilizar a incorporação desses espaços ao território monetário do dólar, consolidando a fase financeira do ciclo norte-americano.

## **SISTEMA-MUNDO E CICLOS SISTÊMICOS DE ACUMULAÇÃO**

A primeira literatura consultada é de Immanuel Wallerstein (1979), a fim de definir o que é o sistema-mundo moderno e seus subcomponentes, o sistema interestatal e a economia-mundo capitalista. O sistema-mundo moderno é um universo geosocial em si mesmo, visto que existe em seu interior, uma divisão do trabalho que torna os diversos setores ou áreas interdependentes por meio da troca econômica, assegurando o suprimento regular e contínuo das necessidades de cada espaço geográfico, articulados entre si por relações estruturais e sociais capitalistas (Wallerstein, 1979, p. 5).

A economia-mundo capitalista é um sistema social histórico formado por uma divisão do trabalho que abarca um grande espaço geográfico, assim sendo unificada economicamente através dos mercados mundiais e dividida politicamente pelos distintos países componentes. O sistema interestatal, então, é composto pelos

Estados nacionais, que têm capacidades de ação doméstica limitadas devido às pressões externas de um sistema interconectado (Wallerstein, 1979). Esses Estados são pautados pela acumulação de poder e suas diferentes estratégias, buscam acumular poder político por estarem incluídos em um sistema interestatal hierárquico que exige crescimento constante das capacidades institucionais e das estruturas internas; e buscam a acumulação incessante de capital, pois estão inseridos em uma economia-mundo capitalista pautada pela comoditização de tudo. Ou seja, o sistema-mundo moderno só é um mundo em si mesmo devido ao capitalismo, que exige dinâmicas produtivas e reprodutivas do capital correspondentes às suas lógicas de funcionamento<sup>1</sup> (Wallerstein, 1979).

O que distingue o capitalismo dos sistemas anteriores é a orientação da produção para a acumulação de capital por meio do lucro realizado em um mercado, esse mercado é, e tem sido desde o início, um mercado mundial. Isso transforma o capitalismo em uma forma de organização social cujo objetivo primordial é a sua própria perpetuação em uma forma sempre expansiva (Wallerstein, 1979, p. 120, tradução nossa).

Isto posto sobre os componentes do sistema-mundo, Giovanni Arrighi (1996) entende que a economia-mundo capitalista se organiza historicamente a partir de ciclos sistêmicos de acumulação (Arrighi, 1996). Nestes, as expansões materiais reorganizam a divisão internacional do trabalho e reestruturam as possibilidades de industrialização na periferia e semiperiferia. Assim, a noção de ciclos sistêmicos de acumulação deriva diretamente da concepção de Fernand Braudel sobre o capitalismo ser a camada superior 'não especializada' na hierarquia do comércio mundial, de onde se obtêm 'lucros em grande escala' não apenas por meio do monopólio das atividades mais lucrativas, mas, sobretudo, pela flexibilidade de mover investimentos de setores com retornos decrescentes para aqueles com maiores oportunidades (Braudel, 1982 *apud* Arrighi, 1996, p. 8).

Por isso, assim como na fórmula geral do capital de Karl Marx (D-M-D', dinheiro - mercadoria - mais dinheiro), o que define uma agência como capitalista, segundo

---

<sup>1</sup> "A característica essencial de uma economia-mundo capitalista, consiste na produção para a venda em um mercado no qual o objetivo é a realização do lucro máximo. Em tal sistema, a produção é continuamente expandida enquanto a produção adicional for lucrativa, e os agentes constantemente inovam novas formas de produzir bens que ampliem a margem de lucro" (Wallerstein, 1979, p. 15, tradução nossa).

Braudel, não é a preferência por uma mercadoria ou setor específico, mas sim a capacidade do dinheiro de se multiplicar sistematicamente, independentemente do meio utilizado. A noção de ciclos sistêmicos de acumulação segue logicamente dessa relação instrumental do capitalismo com o comércio e a produção, sendo que as expansões financeiras são vistas como sinais de que os investimentos produtivos já não aumentam o fluxo de caixa com tanta eficácia quanto os negócios financeiros puros. Nessas situações, o capital tende a retornar à sua forma monetária e acumular-se diretamente, como na fórmula D-D' de Marx. Diferentemente das lógicas de preços e dos ciclos de Kondratiev, os ciclos sistêmicos de acumulação são fenômenos intrinsecamente capitalistas e revelam uma continuidade fundamental nas estratégias e estruturas da acumulação de capital em escala mundial ao longo dos séculos (Arrighi, 1996, p. 8-9).

Dessa maneira, como componentes de um ciclo sistêmico de acumulação, citam-se as fases de expansão material e de expansão financeira. A primeira é caracterizada por uma parte da fórmula marxiana de D-M (dinheiro-mercadoria), na qual o capital monetário 'movimenta' uma massa crescente de produtos (incluindo o trabalho e recursos naturais, tudo se transformando em mercadoria). A segunda, a expansão financeira, segue a outra parte da mesma fórmula supracitada, D-D' (dinheiro-mais dinheiro), porém, nessa fase, uma massa de capital 'se liberta' de sua forma de mercadoria e a acumulação capitalista segue na forma de acordos financeiros. As duas fases citadas compõem um ciclo sistêmico de acumulação completo (Arrighi, 1996, p. 6). Portanto, a temporalidade selecionada para a localização no espaço-tempo do artigo, de 1969 a 1975, está inserida no plano de fundo geopolítico da transição da fase de expansão material para a expansão financeira do ciclo sistêmico de acumulação norte-americano, assim verificando uma distensão na relação da potência hegemônica da época, os EUA, com os Estados de cunho socialista, a União Soviética, como a segunda superpotência do período e a China, como um agente importante tanto por fatores geográficos, como sua grande massa populacional, a proximidade com o Japão e URSS, quanto por fatores político-econômicos, relacionados ao socialismo e seu espraiamento para a Ásia.

## O CENÁRIO DE RUPTURA: CONTEXTO HISTÓRICO E CRISES ESTRUTURAIS

A Diplomacia Triangular, estratégia arquitetada pelo presidente estadunidense Richard Nixon, ao lado do secretário de estado Henry Kissinger, entre os Estados Unidos, China Popular e União Soviética, tem correlação direta com quatro eventos – ou períodos – que marcaram o sistema internacional a partir dos anos 1960. Desse modo, durante a transição da década de 1950 para a década de 1960, a unidade do Bloco Socialista foi desestabilizada a partir da ascensão de Nikita Khrushchev e seu afastamento do stalinismo soviético. Concomitantemente, o tensionamento soviético-americano, apesar do grave estremecimento devido à Crise dos Mísseis de Cuba em 1962, perdeu força a partir desse evento, inaugurando a fase *détente* da Guerra Fria. Ademais, a realidade comercial e econômica do período também sofreu instabilidades e transformações. Enquanto, a estrutura econômico-financeira mundial era delimitada pelo sistema Bretton Woods, consolidado após a Segunda Guerra Mundial, sob hegemonia dos Estados Unidos. A partir de 1971, o padrão de lastreamento do dólar para o ouro foi substituído por taxas flutuantes. Dois anos depois, o comércio global foi assolado pela Crise do Petróleo, em 1973, com a quadruplicação dos preços ocasionando, posteriormente, na redistribuição da divisão internacional do trabalho. Portanto, para clarificar a correlação desses quatro fatores à Diplomacia Triangular e à fase de transição para a expansão financeira da economia-mundo capitalista, infere-se a necessidade de explicá-los detalhadamente.

### O rompimento sino-soviético

A deterioração das relações político-diplomático-militares entre União Soviética e República Popular da China não foi um evento súbito, mas um processo de desconfiança crescente entre os chefes de ambas nações. A ascensão de Nikita Khrushchev ao poder, em 1958, cinco anos após a morte de Josef Stalin, culminou na deterioração do stalinismo, exacerbando questões latentes entre URSS e RPC

(Radchenko, 2010). Entre os principais eventos ocorridos antes do rompimento oficial entre os dois países, podemos citar o apoio soviético à Índia na guerra Sino-Indiana e a retirada de especialistas soviéticos do território chinês, no ano de 1959, além do rompimento do acordo de assistência nuclear entre URSS e RPC, que deixou o programa de defesa chinês vulnerável (Garthoff, 1985; Lüthi, 2008; Radchenko, 2010). Em 1960, líderes soviéticos teceram críticas ao governo chinês em fóruns internacionais, conduzindo à mútua difamação entre os líderes e os demais atores de ambos os governos, em veículos de informação não só locais, mas também regionais e internacionais (Lüthi, 2008).

Conforme aponta Jubran (2017, p. 84), a Crise dos Mísseis de Cuba em 1962 consolidou a tese de Mao Zedong sobre o “revisionismo soviético”: a URSS era vista simultaneamente como aventureira – ao colocar os mísseis – e capitulacionista – ao retirá-los sob pressão americana –, falhando em ambos os casos na liderança do bloco. Consonante a isso, Radchenko (2010) atesta que ao fim de 1962, Khrushchev era internamente avaliado pelos chineses como “um traidor, não um proletário, e sua lealdade à China já não era mais tida como certa” (Radchenko, 2010, p. 350, tradução nossa), ao mesmo tempo em que “os formuladores de políticas chineses acreditavam que as realidades de uma ordem mundial bipolar e a intensidade do confronto entre a União Soviética e os Estados Unidos tornavam a cooperação sino-soviética indispensável tanto para a China quanto para Moscou” (Radchenko, 2010, p. 351).

Apesar da queda de Khrushchev e ascensão do premiê Leonid Brezhnev, em 1964, o relacionamento sino-soviético não obteve melhorias. Na verdade, o isolamento mútuo radicalizou-se com a Revolução Cultural em 1966, quando o Partido Comunista Chinês rompeu relações formais com o Partido Comunista da União Soviética, rotulando os soviéticos de “social-imperialista” (Lüthi, 2008). Por fim, a invasão da Tchecoslováquia em 1968 (Halliday, 1986), além de outras disputas territoriais em 1969, transformou a disputa ideológica em rompimento diplomático. A Doutrina Brezhnev sugeria que a soberania chinesa poderia ser violada sob o pretexto de preservar o socialismo,

assim, o culminar desta escalada deu-se em 1969, nos confrontos fronteiriços no Rio Ussuri (Radchenko, 2010). No entanto, como destaca Lüthi (2008), este conflito militar foi o “ponto de não retorno” que forçou Pequim a reavaliar a sua posição no sistema internacional, levando a percepção de que a URSS representava uma ameaça imediata superior à dos EUA.

### **A *détente***

Paralelamente ao tensionamento do relacionamento sino-soviético, ocorria o relaxamento de tensões entre URSS e EUA, em meados da década de 1960. Conforme destaca Garthoff (1985, p. 25, tradução nossa)

O termo *détente* foi usado na década de 1960 para descrever medidas destinadas a reduzir as tensões nas relações Leste-Oeste. Em particular, foi utilizado pelo presidente Charles de Gaulle em meados dos anos 1960, e na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) no final da mesma década, como um dos elementos de uma política da aliança que buscava equilibrar defesa e *détente*.

A transição para essa fase foi impulsionada pela percepção de que os Estados Unidos já não detinham a dominância absoluta do pós-guerra. Kissinger e Nixon notaram que os “ventos da *détente*” alteravam a percepção de ameaça na Europa, enfraquecendo pilares como a OTAN (Schulzinger, 2010). O fator determinante para essa mudança foi a paridade nuclear; com a capacidade de destruição mútua assegurada, “a ameaça de usar armas nucleares para alcançar objetivos políticos comuns havia se tornado menos crível” (Schulzinger, 2010, p. 374-375). Nesse contexto, Nixon e Kissinger operaram a *détente* não como um fim benevolente, mas como uma manobra calculada – uma ‘estratégia, e não como um objetivo’ – visando a construção de uma estrutura de paz que preservasse o interesse nacional estadunidense (Garthoff, 1985). Do lado soviético, por sua vez, Brezhnev também buscou essa descompressão, motivado pelo status de paridade alcançado e pela necessidade de estabilizar o sistema internacional. Em 1977, o líder soviético definiu o processo como a disposição de resolver disputas “não pela força, ameaças ou demonstrações de poder militar, mas por meios pacíficos, à mesa de negociações” (Garthoff, 1985, p. 36).

---

## O colapso de Bretton Woods

A percepção de declínio do poder estadunidense não se deu exclusivamente, no entanto, com vistas no âmbito político-militar, mas sim pelos fenômenos econômico-financeiros ocorridos no início da década de 1970. Desde o término da Segunda Guerra Mundial, o arranjo de Bretton Woods garantiu aos Estados Unidos a posição de eixo central da economia-mundo, elevando o dólar à condição de moeda universal para transações internacionais, mesmo sendo lastreada em reservas de ouro. Tal hegemonia foi alimentada, em grande medida, pelos planos Marshall e Colombo, de financiamento estadunidense destinado à recuperação das potências europeias e do Japão no pós-Guerra, beneficiando a circulação do euro-dólar (Martins, 2017). Desse modo, após um período de vinte e cinco anos sem abalos significativos, a supremacia estadunidense passou a ser questionada no início dos anos 1970, quando a reconfiguração política da *détente* sugeriu um esgotamento do poderio de Washington (Martins, 2017). Esse desgaste foi intensificado pela recuperação econômica de aliados como o Japão e a Alemanha, que emergiram como competidores diretos no mercado global, acarretando no declínio da expansão material norte-americana (Ouriques, 2014).

De acordo com Ouriques (2014), os sinais de que o modelo de 'liberalismo embutido' estava em colapso demoraram a ser plenamente compreendidos, apesar da degradação visível dos indicadores sociais e econômicos. Assim, conforme o autor,

Perto do final da década de 1960, o liberalismo embutido começou a desmoronar. O desemprego e a inflação aumentavam em toda parte, desencadeando crises fiscais em vários países (por exemplo, até a próspera Inglaterra teve de ser socorrida pelos fundos do FMI em 1975-76). Enquanto isso, as receitas de impostos caíram e os gastos sociais dispararam (Ouriques, 2014, p.27)

Nesse contexto, a circulação massiva de dólares nas trocas financeiras e comerciais inviabilizou a manutenção do lastro em ouro, forçando a transição para um regime de taxas de câmbio flutuantes em 1971, o que marcou o fim do regime de Bretton Woods (Ouriques, 2014; Martins, 2017). Remetendo ao que sustenta

Arrighi (1996), a suspensão da conversibilidade do dólar não foi apenas uma medida de emergência, mas o ato que permitiu ao capital 'libertar-se' de sua forma de mercadoria. Ou seja, quando a acumulação segue na forma de acordos financeiros puros, o capital retorna à sua forma monetária para acumular-se diretamente, buscando lucros em grande escala que a produção física já não era capaz de garantir (Arrighi, 1996). Ademais, com o abandono oficial da paridade dólar-ouro, as moedas mundiais passaram a oscilar conforme as pressões do mercado e as ingerências estatais (Keohane, 1984). Como resultado, a orientação econômica de Washington redirecionou-se para a adoção de uma postura protecionista, aliado à exportação de seu poder financeiro, buscando, sob a égide do neoliberalismo e das diretrizes do FMI, a abertura forçada de mercados externos aos fluxos de capital (Martins, 2017; Harvey, 2003). A transição aqui examinada revela que o neoliberalismo e a abertura de mercados financeiros, citados anteriormente, são manifestações concretas da fase de expansão financeira, onde a necessidade de multiplicar o dinheiro sistematicamente – independentemente do meio utilizado – torna-se a estratégia de sobrevivência do ciclo sistêmico de acumulação liderado pelos Estados Unidos.

### **A crise do petróleo de 1973**

Não obstante, a Crise do Petróleo de 1973 acentuou, ainda mais, a realidade de transição que tangia a economia-mundo, a partir da convulsão na estrutura energética global. Motivados pelo suporte estadunidense a Israel durante a Guerra do Yom Kippur, as nações árabes integrantes da Organização dos Países Produtores de Petróleo (OPEP) estabeleceram um embargo direcionado aos Estados Unidos, resultando da quadruplicação do preço de mercado do barril de petróleo (Hobsbawn, 1989). Para além do impacto imediato no regime financeiro ocidental, com dinâmica de discordância entre estes países (Keohane, 1984), o embargo reconfigurou a trajetória econômica do Terceiro Mundo. Países anteriormente marginalizados passaram a exercer um controle sobre os preços internacionais em função da sua capacidade

---

produtiva, deslocando a percepção geopolítica clássica da tríade de Primeiro, Segundo e Terceiro mundos para uma clivagem Norte-Sul Global (Hobsbawm, 1985; Martins, 2017). Esse cenário impulsionou a nova divisão internacional do trabalho, centrada na industrialização periférica voltada à exportação, com ênfase no Oriente Médio e Ásia, que ganhou velocidade a partir das instabilidades iniciadas em 1973 (Hobsbawm, 1985, p. 281).

Portanto, se a fase de expansão material é pautada pela fórmula D-M, onde o capital monetário se converte em mercadoria e produção, o choque dos preços do petróleo inviabilizou a rentabilidade de diversos setores industriais intensivos em energia, sinalizando retornos decrescentes no investimento produtivo. A crise gerou uma massa de capital excedente, os petrodólares, que, ao não encontrar canais de escoamento lucrativos na produção material saturada, retornou à sua forma monetária para busca valorização através de acordos financeiros (Arrighi, 1996; Ouriques, 2014; Martins, 2017). A ascensão da China e de outros países do Sul Global nesse período exemplifica a flexibilidade braudeliana do capital, que se desloca para novas fronteiras de expansão enquanto o centro hegemônico se financeiriza para manter sua liderança (Metri, 2017). Assim, a desordem econômica pós-1973 não foi apenas uma crise de oferta, mas o mecanismo que viabilizou a transição para a fase financeira do ciclo norte-americano.

## **A DIPLOMACIA TRIANGULAR COMO GESTÃO DA TRANSIÇÃO SISTÊMICA**

Conforme explicado, a configuração do cenário internacional pós-1969 foi alterada i) pelo rompimento definitivo sino-soviético; ii) pela dinâmica da *détente* a partir da estabilização do relacionamento entre URSS e EUA; iii) pela crise no sistema Bretton Woods e, por fim; iv) pelas consequências advindas da Crise do Petróleo, em 1973. No plano político-militar, o estado de beligerância entre União Soviética e China Popular colocou Moscou em posição de vulnerabilidade estratégica, forçando

a liderança soviética a buscar estabilização com os Estados Unidos para evitar o isolamento total, especialmente diante do avanço nuclear chinês e da percepção de relativo declínio do poderio norte-americano pós-revés no Vietnã (Garthoff, 1985; Radchenko, 2010). De forma análoga, Pequim, ao identificar na URSS sua principal ameaça existencial, moveu-se rapidamente em direção a Washington para conter o expansionismo soviético (GARTHOFF, 1985).

Nesse sentido, Nixon e Kissinger orquestraram a Diplomacia Triangular como uma ferramenta de preservação da hegemonia estadunidense. Através dessa contenção mútua e de negociações estratégicas como o acordo SALT I e a abertura para a China em 1972, Washington buscou forçar o bloco socialista a aceitar os termos de uma nova ordem global (Halliday, 1989). Ou seja, a lógica central era manter o controle da balança de poder ao assegurar que os Estados Unidos tivessem laços mais estreitos com cada uma das potências comunistas do que elas possuíam entre si (Kissinger, 1972 *apud* Garthoff, 1985). Para Kissinger (1972 *apud* Garthoff, 1985, p. 246), portanto, devia-se “evitar a impressão de que se está ‘usando’ um dos [outros] contendores contra o outro; caso contrário, corre-se o risco de retaliação ou chantagem”, assim, a hostilidade entre os países era aproveitada nos segmentos político, militar e, também, econômico.

Apesar dos êxitos iniciais da Diplomacia Triangular na estabilização das relações centrais, o equilíbrio da *détente* passou a ser severamente questionado em meados da década de 1970 (Halliday, 1989), especialmente devido às transformações ocorridas na periferia do sistema. A descompressão, que visava uma estrutura de paz estável, enfrentou o que Loureiro (2014) identifica como uma insatisfação mútua decorrente da dinâmica no Terceiro Mundo. No lado norte-americano, as críticas republicanas ganharam corpo ao argumentar que a *détente* atuava como um instrumento que não só favorecia a influência soviética no Terceiro Mundo, como também teria efeitos negativos para o equilíbrio nuclear (Loureiro, 2014). Para esses setores, a busca por uma ordem pacífica forjava um status quo inaceitável, onde os EUA cediam espaço

---

estratégico, enquanto a URSS expandia sua presença em zonas de libertação nacional. Por outro lado, a liderança soviética também percebia a *détente* com crescente ambiguidade. O Kremlin argumentava que o relaxamento das tensões – a *détente* – estava se transformando em um meio de expandir a influência dos Estados Unidos no Terceiro Mundo, o que, por sua vez, criava uma dependência iminente do bloco soviético em relação ao capitalista (Loureiro, 2014). Essa dependência financeira e tecnológica era o sintoma visível de que a URSS, embora poderosa militarmente, estava sendo atraída para a órbita da economia-mundo agora em processo de financeirização. Como afirma Halliday (1989), a estratégia de Nixon e Kissinger buscava, em última análise, a preservação da supremacia dos Estados Unidos, forçando Moscou a aceitar termos definidos por Washington sob a promessa de uma ordem mundial pacífica que, na prática, beneficiava a centralidade financeira estadunidense.

A diplomacia triangular da administração de Richard Nixon buscava estabelecer diálogos mais aprofundados entre o Bloco Ocidental e o Oriental (ou pelo menos com os dois maiores Estados de viés socialista, a China e a URSS), principalmente no tocante à resolução do conflito no Vietnã (Metri, 2017, p. 162-163).

A crise iminente do regime norte-americano foi assinalada entre 1968 e 1972, em 3 esferas distintas e estreitamente relacionadas. Militarmente, o exército norte-americano entrou em dificuldades cada vez mais sérias no Vietnã; financeiramente, o Sistema de Reserva Federal dos EUA verificou ser difícil, e depois, impossível preservar o modo de emitir e regular o dinheiro mundial estabelecido em Bretton Woods; e, ideologicamente, a cruzada anticomunista do governo norte-americano começou a perder legitimidade no país e no exterior. A crise teve uma deterioração rápida, e, em 1973, o governo norte-americano recuou em todas as frentes (Arrighi, 1996, p. 310).

É possível correlacionar a etapa transicional do ciclo sistêmico de acumulação dos EUA, passando de sua fase de expansão material para financeira, com o *momentum* de deflagração da diplomacia triangular EUA-URSS-China. Para tal explicação, serão utilizados dois textos, inicialmente, Immanuel Wallerstein (1984) verifica uma fase B, ou seja, de crescimento desacelerado da economia estadunidense, como um

sintoma dessa transição da fórmula D-M para D-D'. Por exemplo, na economia-mundo capitalista, o resultado mais significativo dessa fase de estagnação relativa foi o acentuado declínio da competitividade das organizações produtivas sediadas nos Estados Unidos em comparação com aquelas localizadas no Japão e na Europa Ocidental (Wallerstein, 1984, p. 60).

Além disso, em uma fase B de estagnação da economia-mundo, as condições estruturais teriam favorecido um rearranjo das alianças no sistema interestatal, no qual a China teria se antecipado aos desdobramentos ao promover uma aproximação bem-sucedida com os EUA. Essa inflexão diplomática, ocorrida durante o governo Nixon, pode ser interpretada como resultado da atuação de setores norte-americanos marcados por um forte anticomunismo, mas não rigidamente comprometidos com a manutenção do arcabouço tradicional de alianças da OTAN. Do ponto de vista estadunidense, a abertura à China teria sido guiada por cálculos geopolíticos e estratégicos racionais, sobretudo diante do fato de que, nos anos 1970, os benefícios econômicos da *détente* com a União Soviética vinham sendo majoritariamente apropriados pela Europa Ocidental, o que tornaria aceitável o risco político envolvido nessa reorientação diplomática (Wallerstein, 1984, p. 65).

Em segundo lugar, partindo do texto de Maurício Metri (2017), é possível perceber diversas ações dos EUA que representam essa aproximação com os Estados socialistas e uma transição para sua fase de expansão financeira, devido tanto ao realocamento geográfico da indústria norte-americana, quanto do fim de Bretton Woods. Como exemplo dessa distensão, os Estados Unidos revisaram o arcabouço jurídico que regulava o comércio com países de viés socialista, até então baseado na Lei de Comércio com o Inimigo de 1917 e na Lei de Controle de Exportações de 1949, um regime que conferia ampla margem de manobra às agências governamentais e impunha fortes restrições às economias socialistas, posteriormente flexibilizadas com o *Export Administration Act* de 1969. No caso chinês, a legislação de 1949 teria resultado em um bloqueio comercial e financeiro quase total, contribuindo para o isolamento

do país em relação ao Bloco Ocidental e limitando sua capacidade de importação no espaço monetário do dólar (Grzybowski, 1973, p. 176 *apud* Metri, 2017, p. 163).

A revisão desses impeditivos jurídico-políticos por parte dos EUA, inaugura a maior participação chinesa na economia-mundo capitalista e a “incorporação progressiva ao território monetário do dólar” (Metri, 2017, p. 164). A aproximação sino-americana teria levado a China a adotar o dólar como referência para parte de suas exportações, ampliando o acesso a mercados antes restritos. Esse movimento ocorreu em meio a um impasse nas relações entre Estados Unidos e União Soviética, marcado por dificuldades nas negociações do SALT e por tensões no Oriente Médio. Nesse quadro, em 1971, Washington teria ampliado a liberalização comercial também à União Soviética, especialmente no setor de grãos, contribuindo para alterações no padrão de comércio exterior soviético e para a maior inserção de ambos os países no território monetário do dólar (Metri, 2017, p. 165-166).

A fase de expansão material havia gerado uma saturação do capital-mercadoria e uma queda na taxa de lucro no centro dinâmico da acumulação. A Diplomacia Triangular, como uma tentativa de estabilizar o sistema, buscava criar as condições políticas para que o capital “se libertasse” de sua forma de mercadoria e passasse a acumular-se na forma de acordos financeiros (Arrighi, 1996). A crise da *détente* nos anos 1970, portanto, é o reflexo dessa transição: enquanto o capital norte-americano buscava novos mercados e a abertura de economias estrangeiras, as tensões geopolíticas na periferia e semiperiferia serviam como o campo de teste para o aumento do papel do capital financeiro pela hegemonia.

## CONCLUSÃO

A análise desenvolvida ao longo do artigo busca, por fim, sustentar que a Diplomacia Triangular, implementada pelos Estados Unidos entre 1969 e 1975, não pode ser compreendida apenas como uma inflexão tática da Guerra Fria, nem como um expediente diplomático contingente à rivalidade sino-soviética. Pelo contrário,

possibilita ser interpretada como uma expressão político-econômica que se correlaciona à transição do ciclo sistêmico de acumulação estadunidense, do esgotamento do capital-mercadoria característico da expansão material para a consolidação de sua fase de expansão financeira, na terminologia proposta por Giovanni Arrighi.

Desse modo, a diplomacia triangular ocorre em um contexto marcado pela entrada da economia-mundo capitalista em uma fase B de crescimento desacelerado, conforme diagnosticado por Immanuel Wallerstein. Essa fase revelou o declínio relativo da competitividade industrial dos Estados Unidos frente à Europa Ocidental e ao Japão e a compressão das margens de lucro no centro hegemônico. A crise do sistema de Bretton Woods, a derrota política e militar no Vietnã e o primeiro choque do petróleo de 1973 atuaram como catalisadores dessa transição, acelerando o deslocamento do capital para sua forma monetária e financeira.

Nesse cenário, a estratégia de Nixon e Kissinger emergiu como um mecanismo de reorganização do sistema interestatal funcional à nova lógica de acumulação. Ao explorar a cisão sino-soviética, os EUA buscaram preservar sua centralidade sistêmica não mais pela supremacia produtiva, mas pelo aumento da capacidade de estruturar fluxos financeiros e expandir o alcance do dólar. A diplomacia triangular, portanto, visava a gestão da economia-mundo capitalista em novos parâmetros. A financeirização permitiu compensar a perda de dinamismo industrial por meio do controle das moedas, dos mercados de crédito e dos fluxos globais de capital, reforçando a hegemonia norte-americana mesmo em um contexto de declínio relativo em relação aos parceiros do centro dinâmico da acumulação, o Japão e a Alemanha Ocidental.

---

## REFERÊNCIAS

- ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX**: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo Traduzido por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- FAIRBANK, John King; GOLDMAN, Merle. **China: a new history**. Enlarged edition. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2006.
- FERGUSON, Niall. Kissinger and the true meaning of détente: reinventing a Cold War strategy for the contest with China. **Foreign Affairs**, [S.l.], Mar./Apr. 2024. Publicado em 20 fev. 2024.
- GARTHOFF, Raymond L. **Détente and Confrontation: American-Soviet Relations from Nixon to Reagan**. Washington, D.C.: The Brookings Institution, 1985.
- HALLIDAY, Fred. **The making of the second Cold War**. 2. ed. London: Verso Editions and NLB, 1986.
- HOBBSBAWM, Eric J. **A Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JUBRAN, Bruno Mariotto. **A POLÍTICA EXTERNA DA URSS PARA OS TRÊS MUNDOS: EUA, CHINA E ÍNDIA (1953-1985): UMA PROPOSTA DE ANÁLISE MULTINÍVEL**. Tese (Doutorado em Estudos Estratégicos Internacionais). Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2017.
- KISSINGER, Henry. **Ordem mundial**. Tradução de Cláudio Figueiredo. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- LI, Danhui; XIA, Yafeng. **Mao and the Sino-Soviet split, 1959-1973: a new history**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2018.
- LOUREIRO, Felipe. **Coexistência Pacífica e Détente: marchas e contramarchas - anos 1960 e 1970 (Aula 13, parte 1)**. [Vídeo]. YouTube, 8 ago. 2017. 26 min 44 s. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=q1GtI8nRcMk>. Acesso em: 17 nov. 2025.
- LÜTHI, Lorenz M. **The Sino-Soviet split: Cold War in the communist world**. Princeton: Princeton University Press, 2008.
- MARTINS, Fernanda de Castro Brandão. **A ascensão chinesa e o sistema financeiro e monetário internacional: rumo a um potencial novo ciclo de hegemonia?** Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2017.
- METRI, Mauricio. A DIPLOMACIA MONETÁRIA DOS ESTADOS UNIDOS NOS ANOS SETENTA. **Revista Tempo Do Mundo**, 3(1), 155-179, 2017.
- NEE, Victor; STARK, David; SELDEN, Mark (ed.). **Remaking the Economic Institutions of Socialism: China and Eastern Europe**. Stanford, California: Stanford University Press, 1989.
- PEROVIĆ, Jeronim (ed.). **Cold War Energy: A Transnational History of Soviet Oil and Gas**. Cham, Suíça: Springer International Publishing AG, 2017.

RADCHENKO, Sergey. The Sino-Soviet split. In: LEFFLER, Melvyn P.; WESTAD, Odd Arne (ed.). **The Cambridge History of the Cold War: Volume II – Crises and Détente**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 349–372, 2010.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The capitalist world-economy**. Essays by Immanuel Wallerstein. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The politics of the world-economy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

## Autoria

### 1 Ana Júlia Freitas Gomes

Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Santa Maria,  
Mestranda em Ciência Política

<https://orcid.org/0009-0008-7170-7464> • gomes.ana@acad.ufsm.br

### 2 Felipe Hübner Rodrigues Alvim

Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Santa Maria,  
Mestrando em Relações Internacionais

<https://orcid.org/0009-0005-6287-3733> • felipehubner1605@gmail.com

## Como citar este artigo

GOMES, A. J. F., ALVIM, F. H. R. Diplomacia Triangular e o ciclo sistêmico de acumulação estadunidense (1969-1975). **InterAção**, Santa Maria, v. 17, n. 2, e96251, p. 1-19, jun. 2026. DOI 10.5902/1980509896251. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5902/2357797596251>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.

## Artigo da XIII SARI

### XIII Semana Acadêmica de Relações Internacionais (SARI)

A XIII SARI foi organizada pelo Diretório Acadêmico de Relações Internacionais, ocorreu entre os dias 10 e 14 de novembro de 2025, na Universidade Federal de Santa Maria, reunindo estudantes, pesquisadores e especialistas em torno de uma programação diversificada. O evento contou com palestras que abordaram temas relevantes e contemporâneos, como crime organizado, conflitos internacionais, direitos humanos, tecnologias emergentes, guerra cibernética, construção da paz e questões relacionadas à Amazônia e ao meio ambiente, entre outros.

Alinhada ao tripé fundamental das instituições de ensino superior - ensino, pesquisa e extensão -, a XIII SARI reafirma a importância da universidade como espaço de produção e democratização do conhecimento científico, além de contribuir para a formação acadêmica e o desenvolvimento pessoal dos(as/es) estudantes. Em uma dimensão mais ampla, o evento reflete o papel social da universidade; em uma perspectiva mais específica, destaca-se por ampliar o repertório dos discentes e apresentar a diversidade temática presente no campo das Relações Internacionais, especialmente para aqueles que estão em início de curso.

Nesse sentido, a temática abrangente da XIII SARI permitiu não apenas a introdução dos estudantes a diferentes áreas de estudo, mas também a valorização de temas ainda pouco explorados na grade da UFSM, por meio da participação de especialistas de diversas áreas do conhecimento. Além disso, o evento se destacou por incentivar o protagonismo estudantil, uma vez que foi organizado por estudantes e voltado para estudantes, promovendo tanto a participação ativa quanto o engajamento crítico.

Como marco importante desta edição, destaca-se a retomada dos painéis temáticos com apresentação de trabalhos acadêmicos dos próprios alunos - prática que não ocorria há cerca de dez anos -, acompanhada da previsão de publicação em anais do evento, em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Relações Internacionais - Ana Lélia (NEPRI/UFSM). Essa iniciativa reforça o compromisso da SARI com a produção científica e com a valorização das vozes estudantis dentro da universidade.

